

AZUL



ANNO I.

Pela Arte

TOMO I.

Director: Thiago Peixoto.

— Curityba, 22 de Julho de 1900 —



Nestor Victor

Nallido como um asceta, franzino, o olhar perscrutador e nobre, interpretativo de um espirito admiravel e de um coração diamantino, physionomia ora austera, fazendo transparecer o seu caracter spartano, ora illuminada de uma alegria franca, n'uma efflorescencia de bondade por tudo e por todos; eis o sympathico vulto de Nestor Victor, o notavel creador dos *Signos*, o analysta magnifico do *Amigos*, o inspirado poéta das *Transfigurações*, o poderoso critico do *Cruz e Souza* e d'A *Hora*.

Talento complexo e brilhante, voltado para todas as altas questões mentaes do nosso tempo, do nosso fim de seculo, em que o Genio humano, ao contrario do que se dava nos tempos hellenos ou na Renascença, faz-se representar por assombrosas figuras destacadas, como Ibsen, como Verlaine, como Zola, a quem Nestor Victor chama os grandes isolados do

Redações d. "Espresso"

fim do seculo, o nosso consagrado Artista patrício tem galgado degrao por degrao o posto eminente que lhe cabe na nova geração a força de trabalho e de talento, assignalando por triumphos cada obra com que manda o seu *adresse* ao pantheon do Renome; e fidalgas plumas de vitorioso enaastrou de ha muito a deveza resplandorada que elle traçou e que segue, para gloria nossa, para gloria de toda essa magnificente vição de Arte porque sonhamos como budhistas, nos grandes extases do Ideal.

De Nestor Victor, disse o extraordinario Poeta Negro, o torturado e magestoso celebrante das *Evocações*:

«O suprehendente e curiosissimo artista dos *Signos*, que agora tão soberbamente se manifesta nas paginas deste livro de uma alta significação esthetic, tão annunciate de segredos, tão revellador de mysterios e tão suggestivo de magestade, é um dos raros poderosos que tem o dom magnifico e magico de violentamento arrebatar a noss' alma, de a fazer tremer e soluçar de commoção diante da sua, de a fazer dignamente humilhar-se, na curva doce, aristocratica, nobre, das profundas admirações diante da sua, de enfim despir-se na nudez mais pura e mais franca dos sentimentos diante de sua alma. Porque a sua alma é como um destes exóticos e deslumbrantes instrumentos que accordam toda uma serie delicada e nervosa de sons que só ouvidos eleitos escutam e reconhecem, um desses instrumentos saudosamente e egregiamente velhos que algum erradio menestrel do Oriente vibrou acaso por algum poente triste, no fundo de alguma éra remota».

A sua entrada no circulo da publicidade assinalou-se pelo modo original com que fizera a sua obra.

Sem escolas, sem filiações, sem philosophias determinadas, elle veio apresentar ao mundo mais um mundo, apenas, que se achava formado e que anciava por surgir e florescer como um sumptuoso helianto, a parte de outros mundos que já resplandeciam, na egregia constellação do espirito humano.

Com uma forma sem arabescos superfluos, n'uma intensidade notável de pensamento e de perspectivas, elle accentuou de vez, com as suas obras, a existencia de uma individualidade rara, de uma promessa glorio-sa para a grandeza artistica deste paiz.

«O estylo de Nestor Victor, forte, solemne, é a evidente caracteristica, o desdobramento especial e genuino da sua feição grave e seria em Arte; representa bem o cunho austero e eminentemente determinado, significativo, da sua Esthetic elevada e nobre, rude ás vezes, violenta, liberrima e sobretudo desdenhosa em certos pontos de vista.

«Elle sente essa angustia, essa sede do Exprimir, do Dizer, mas do Dizer denso, intenso e legitimamente original».

O seu cerebro é todo esse vigor e todo esse brilho de oiros antigos que lhe tem consagrado o nome.

O seu coração é um intenso e harmonioso floreal de affectos, de amor acrysolado no sanctuario do Lar, e no mais austero convivio com alma que tenham a necessaria devoção para entender-se com a sua.

O seu coração é o mais bello e querido complemento ao seu perfil de artista e de pensador, cuja gloria faz-se de todas as manifestações do seu Ser por que estas são todas elevadas.

O *Azul* rende esta homenagem ao magnifico romancista do *Amigos*, na curvatura nobre de que falla Cruz e Souza, como a uma das figuras mais sympathicas e mais consagradas no moderno Brazil intellectual.

FLOR MORTA



Quando ella passa a luz empallidece ;
 Flúe do sol, morto clarão de lua.
 Como um alfange, o seu andar parece
 Deixar a estrada solitaria e núa.

Esse estuário humano que ella enfrenta
 Inteiro volve os olhos para vê-a,
 Mas lembra-nos deserta estepe attenta
 A' luz enferma de isolada estrella.

E serena ella vem, creando um sonho
 De cabeça pendida, casto e serio,
 Mortuário, mas branco, mas risonho,
 Um sonho angelical de cemiterio

Parece a Morte, mas ennobrecida,
 Morte que só faz bem, que, piedosa,
 Traz aos velhos a paz appetecida,
 Poupa a creança, não regela a roza.

Tem a graça secreta do esqueleto
 Armado na melhor das attitudes ;
 De seus olhos nos vem um fluido preto
 De olhar isempto de vicissitudes.

Uma rainha de região deserta,
 Onde tudo se fez tumulo e cruzes.
 — O passo, de tão leve, nem desperta
 Dos fogos fatuos as aladas luzes.

Ahi vem, sonambula. Os seus magros braços
 Parece que se alongam de repente
 Nas mangas brancas de refolhos lassos
 E que nos chamam funerariamente.

Nestor Victor.



SOMBRA

Quedo ia balbuciando ladinhas de desespero e de maldição, no altar prateado e reflorescido, que a excelsa esperança erguera em minha alma e, onde outr'ora a Chiméra cantava um hymnario pagão do fulgor das estrellas do outono.

O coração n'esse assombro mudou, como um passaro friamente prezo pelo gelo que o enerveva, tentava vôar, vôar em busca de outros horizontes mais amplos e mais pandos de luz, de outros céos mais doces e engrinaldados.

E fui orando como um monje, pelo deserto immenso, em procura de meu Deus, e da esperança que era minha.

Parei cansado e vencido, no meio do areal.

O luar prateou tristemente a solidão intermina, onde não havia o rumor e a prece das palmeiras.

Fiquei na vida, como uma arvore solitaria, em campos brancos de neve; esperando a primavera.

Ella porem não mais voltou, meo Lyrio !

Unge-me agora com a tua pureza imacula !

Deixa que eu repouse a minha fronte vencida sobre o teu coração virginal e sincero e como uma creança chorando, soluce a minha desventura.

E serei, ó Roza Mystica, a mortalha fria do Sonho e da Illusão, fluctuando n'um ramo verde da esperança florescente.

Santa Rita Junior.

PARA Á MORTE

Que falta ? a vida é um prestito a caminho ;
A cal da Insomnio já me esfria o rosto ;
Prega-me as horas todas, ó Desgosto !
E eis acabado o meu caixão de pinho.

Desce uma tarde bíblica de Agosto,
Dobrando a curva do ultimo carinho,
Alma, põe o teo prestito a caminho,
Que anda por tudo o *requiem* do sol posto...

Noite immensa ! Ei-la a ronda hirta das tochas.
Tudo quedou. Pelas olheiras roxas
Põe a Saudade um vèo de viuva a orar.

Silencio !... mas, quem tenha a alma que eu tenho
Vera, se olhar-me o triste sobrecerho,
Toda a revolta e a solidão do mar !

Almeida Netto.

Sorriso de morte

Dulce, a meiga creança de olhos negros como o crime e cabellos doirados como a illuzão, borboleteava todas as manhãs n'um bello jardim aristocratico, repleto de flores *exquis*, onde estendiam-se, qual ala phantastica de brancos vultos lendarios, os delyciosos laranjaes em flor, abrigo discreto e carinhoso dos passaros que saudavam, alegres, n'um meigo trinado suggestivo, o dia que nascia triumphante, n'uma explosão de oiro e purpura lá para as bandas azues do oriente longquo.

Muito tempo fôra assim; muitas manhãs, bellas e doiradas, assistiam, alegres, os innocentes gracejos desse anjo de amores, encerrado egoisticamente n'aquelle doce retiro, á semelhança d'un astro scintillando, solitario, no azul interminio da imensidão.

* *

Uma vez,— era por um dia irradiante, transparente e claro, de primavera,— disseram-me que Dulce ferira-se n'un espinho de laranjeira, no momento em que perseguiu, á correr, uma borboleta azul que adejava, inconsciente, pelo espaço perfumado e ethereo.

Ah! Como prenge-me ainda a lembrança d'essa revelação, d'essa

rude surpreza ingratamente bruta e cruel!

Desde esse dia, então, nunca mais ella corrêra e, á sua ausencia, a vegetação do pomar tinha o aspecto lugubre dos goivos sombrios.

* * *

Já o sol tombava para o occidente, enquanto a melancholia comunicativa d'essa tarde de Maio, humida e fria, prolongava-se n'uma desolação infinita, despindo a vegetação do colorido esmeralda-claro de outr'ora.

E foi justamente n'esse momento,— quando a meia sombra crepuscular distendia-se, serena, como um estranho manto de piedade e de amor,— que Dulce, sempre meiga e soridente, déra o adeus emocionante da eternidade, cerrando para sempre os olhos, os labios fechando para sempre aos encantos da vida que lhe corrêra na rapidez inconsciente de um sonho, que lhe fôra uma aurora perene de illuzão e de amor.

A flor de laranjeira, symbolo da innocencia e da castidede, tem espinhos que ferem e matam n'un sorriso triste.

(1896)

Hippolito Pereira.



Estrellas Cadentes

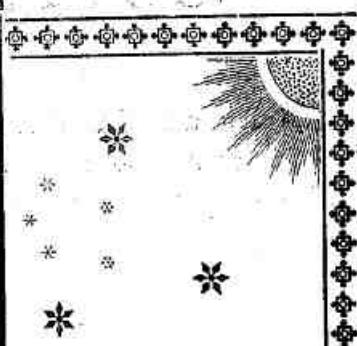
IV

Devaram-na, Senhor Omnipotente e Justo!
E vós que lá do Azul cingis n'um doce olhar
Todo o mundo sombrio a se mover a custo,
Nada dizeis, Senhor para me consolar!

Vivo agora a tremer como em eterno susto
Sob o peso cruel do meu atroz Pozar...
Nem um raio de luz do meu Lyrial venusto
Desce do Parque Astral para me ouvir chorar!

Levaram-n'a, eu bem vi, pelo nevociro em flor
Quando o neigo Luar saudava o alvorecer...
—E não dizeis porque levaram-n'a, Senhor!...

Louco pergunto ao Sol por Ella que se foi...
E o Sol, fallando ao Céo, condenna-me a sofrer
Até que esta existencia um dia se esboroe!



V

N'um eterno sonhar de primeiro noivado
Longas noites passci em beijos esponsaes,
—Noites que no pallor do tempo sepultado,
Resurgem para mim como Auroras Borcaes —

As Auras que a cantar outr'ora no sylvado
Passavam perfumando os rubídos rosaes,
Dormem no leito em luz do meu feliz Passado,
E o seu canto de amor já não se escuta mais.

Morren a Roza Azul da minha Primavéra!
Paire na Natureza uma tristeza horrivel,
E na sombra adormece a pallida Chiméra!...

Um Phantasma suspende os braços para o Céo
E vem, como o Pezar, na escuridão terrivel,
Estendendo do leto o taciturno véo.



VI

Dos sinos não mais ouço o badalar tristonho
Nem o rumorejar do Sul pela floresta...
Esta propria elegia que a chorar componho
Morrerá na mudez da magoa que me resta.

As folhas da Esperança á minha Dor oppõem! —
Mas, se vejo sorrir n'um resplendor de festa
Essa Flor outonal que illuminou meu Sonho,
Sinto que o sol do Mal as verdes folhas cresta...

Minha Alma canta agora a ultima ballada!
—Como posso viver si perdi meu Thesouro
E, cego, vou seguindo a caminho do Nada?—

Arrojo o coração ás trevas do Abondono!
Tudo perdi perdendo a minha Edade de Ouro
—Estrella que morreu no alvorecer do Outono!—

Generoso Borges



Funeral

A Adolpho Werneck

Quantas vezes, ao irmos pela estrada
Que conduz ao amor,
Não ouvimos o som de uma enxadada,
E de um ai o clamor !

„Quem gemeu ? — inquirimos ; e, sondando
De onde partiu esse ai,
Vemos da estrada á beira, um mizerando
Que n'uma covâ cai !

„E' mais um, maldizendo o seu desterro,
— Falamos nós então —
E' o merencorio, inesperado enterro
De mais um coração !“

Ricardo de Lemos.

De Volta

Essa, que no meu verso inda vive e rebrilha,
—Visão sempre a rondar carcomida morada—
Foi outr'ora o fanal por quem doido na trilha
Das illusões andei. Em pleno sol à espada

Vibrei victorioso ao som da guitarrilha
Dos louros menestrels. Da rutila estacada
Pendiam falbalás. E myrthos e bânilha
Consagravam heroes nessa Santa Cruzada.

E a dama por quem fui — pagem e cavalleiro —
Bater-me n'essa lucta como antigo guerreiro,
Inda hoje em minha alma vibra estranho psalterio...

E deixa-me a sonhar, tão feliz, tão creança,
Que transpareço assim tão cheio de esperança,
Como um lyrio florindo em velho cemiterio.

Thiago Peixoto.

Arte de amanhã

(Barlet e Lejay)

Continuação.

As duas outras escholas são humanas, *subjectivas*, como dizem os philosophos; traduzem o artista, de quem reflectem as paixões ou a intelligencia, de quem revelam o *estado de alma*, ao envez de invocar a alma das cousas.

Dessas duas ultimas escholas, a mais espiritualista, a menos preoccupada com a vida commun, a mais presa ao Abstracto, procura os effeitos em regras inflexíveis, scientificas. Affirma que os desvios da natureza e os das paixões que os exprimem devem ser corrigidos por leis superiores; que a arte deve ao *verdadeiro* substituir o ideal *verosimil*. Com certeza, heis já reconhecido a eschola CLASSICA.

A ROMANTICA, (que melhor se chamaria dramatica, comprehendendo sob esta denominação todos os modos passionaes livres) ao contrario, põe acima de tudo a franqueza da expressão. Abandona-se ao impeto dos sentimentos, gosta de revestil-os com todos os recursos da forma, com todos os effeitos da luz e todos os rebrilhamentos da côr. Aspira principalmente dar a exhuberancia da vida em suas variedades multiplas.

As escholas resumem-se, em ultima analyse, nas trez qualidades fundamentaes indispensaveis ao Pintor:

Sensibilidade physica, ou facultade de perceber as idéas essenciais, de se inspirar da poesia das cousas, de seo espirito, de que tudo é dotado.

Sensibilidade de forma, ou facultade de perceber a significação emocional das formas tomadas em si mesmas, independentemente do objecto que possam representar.

COMO um requiem entoado entre as rozas e as boninas maceradas de um campo-santo, resplandido de laivos tristes de luar, é esse suggestivo soneto, de uma austera belleza, passional e doce, com que Silveira Netto nos brindou.

Ao enamorado cantor do branco "Luar de Hynverno," os nossos agradecimentos affectuosos.

COM o perfume de um lyrio do mar, floresce neste numero, um fino trabalho do encantador *conteur* Hypolito Pereira.

E esse bello artista que surge, nos enviará sempre lá da marinha, moitas de anemonas do oceano prateado.

RICARDO de Lemos, que tantas vezes tem reflorescido o "Azul" com o seu talento de poeta, nos honrou com esses versos de uma delicadeza extrema, que hoje engrinaldão uma das paginas da nossa revista.

COM os sonetos que lá adiante emolduram a nossa folha, concluiu o suavissimo poeta Generoso Berges, a evocação dolorosa dos noivos que se foram lyriaes e bellos, em romaria para a Morte, . . . estrellas cadentes, peregrinas estrellas d'ouro que um dia deixaram o azul dezerto, desapparecendo todas no ether colorido do céo arqueado do outono.

Expediente.

O AZUL será publicado quinzenalmente.

ASSIGNATURA:

2 mil rs. por trimestre.

REDACÇÃO:

Praça da Republica N° 4.

Typ. „Der Beobachter“
Travessa da Proclamação N° 5.
CURITYBA,